

EVIDENCE OF ACCENT REGULARISATION ON THE ALENTEJO COAST

EVIDÊNCIAS DE REGULARIZAÇÃO ACENTUAL NO LITORAL ALENTEJANO

Maria Celeste RODRIGUES

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL)

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)

RESUMO

O artigo resume a análise acentual do Português apresentada por ANDRADE & LAKS (1991), que se adapta à descrição do dialecto do litoral alentejano. Os dados desse dialecto indicam que há alterações sensíveis nas formas de superfície das palavras, que conspiram para a criação de um ritmo acentual paroxítono em palavras estruturalmente oxítonas e proparoxítonas.

ABSTRACT

The article summarizes the analysis of lexical stress of Portuguese by ANDRADE & LAKS (1991) that fits the description of the dialect of Alentejo coast. The data in this dialect indicate that there are changes in the surface forms of words bearing the stress in antepenultimate or in the final syllable. These processes create the most regular stress pattern, that is, in the penult syllable.

PALAVRAS-CHAVE

Acento. Metátese. Princípio rítmico. Semivocalização.

KEYWORDS

Metathesis. Paragoge. Rhythm principle. Semivocalization. Stress.

Introdução

Este artigo descreve as características acentuais do Português Europeu (PE) de acordo com uma teoria métrica só-grelha e de formas de um dos seus dialectos menos descritos: o dialecto falado no Litoral Alentejano (PLA). A análise acentual do PE seguida neste trabalho é a proposta por ANDRADE & LAKS (1991) que é utilizada em MATEUS & ANDRADE (2000) e que também pode ser adoptada para a análise dos dados da variedade dialectal PLA. Segue-se, além disso, uma análise fonológica autosegmental, segundo a qual posições morfologicamente vazias podem constituir posições rítmicas tidas em consideração para questões acentuais (i. é, se uma palavra tem uma posição da fiada do esqueleto a que não se liga nenhuma informação melódica, essa posição pode contar para efeitos rítmicos).

Os dados da variedade de Português falado na região do Baixo Alentejo litoral indicam, com base numa observação empírica informal¹, que há uma forte generalização fonética do padrão de acentuação paroxítono, com alteração das palavras proparoxítonas e das palavras oxítonas. A regularização acentual implica diversas alterações nas palavras, incluindo inserção de segmentos nas palavras oxítonas e elisão do núcleo vocálico postónico nas proparoxítonas. Estas alterações acarretam diversos problemas de silabificação em termos fonéticos, problemas esses que pretendemos abordar em futuro trabalho.

¹ A autora é falante nativa da região do PLA e mantém contacto permanente com a população local. As recolhas foram efectuadas em momentos diferentes e transcritas só agora de forma sistemática e dizem respeito a falantes dos dois sexos.

1. Descrição da acentuação no Português Europeu (PE), segundo ANDRADE & LAKS (1991), retomada em MATEUS & ANDRADE (2000)

O PE é uma língua acentual que tem um ritmo binário alternante, cuja proeminência principal ocorre na penúltima sílaba da palavra. Segundo estes autores, o ritmo em português propaga-se, como onda rítmica alternante, a partir de um ponto estabelecido de ancoragem na estrutura de cada palavra, tendo como primeira posição uma posição fraca e evoluindo para a esquerda com posições fortes e fracas alternadamente.

Observem-se os exemplos em (1).

(1a) Acção do princípio rítmico - paroxítonas

L1	* • * •	• * • * •	• * •	• * •
L0	X X X X	X X X X X	X X X	X X X
	Ca.sa.men.to	fo.to.gra.fi.a	ca der nos	te cla do

Como isto pode gerar mais do que uma sílaba com igual grau de proeminência, é necessário um mecanismo de finalização que determine qual é a proeminência mais forte. Em PE, a crista mais à direita é reconhecida como portadora do acento lexical.

Portanto, a grelha constrói-se com uma segunda linha, com proeminência mais forte à direita.

(1b) Acentuação paroxítona

L2	•	*		•	*		*		*
L1	*	•	*	•	•	*	•	*	•
L0	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Ca.sa.men.to				fo.to.gra.fi.a			ca.der.nos	
								te.cla.do	

A acção do princípio rítmico é regular, gera a acentuação grave que atinge a maior parte das palavras do português. Existem, no entanto,

palavras cuja estrutura morfológica condiciona a acção do princípio rítmico. Veja-se exemplos em (2) de palavras proparoxítonas e em (3) de palavras oxítonas.

(2a) Acção do princípio rítmico – proparoxítonas

L1	•	•	•	•
L0	X X X XX	X X X	X X X	X X X
	Be.ne.fí.cl.o	mú.sl.ca	têm.pE.ra	cân.fO.ra

Nas palavras de (2), o princípio rítmico é constrangido pela presença de uma vogal na estrutura que é repelente de acento (ou inacentuável que é assinalada por letra maiúscula na estrutura lexical). Desse modo, a onda rítmica ancora-se com o seu primeiro ponto (um cavado) na sílaba que tem a vogal inacentuável e progride, como de costume, para a esquerda, marcando um ritmo binário alternante. Ou seja, a sílaba final acaba por não ser atingida pela onda rítmica acentual e a coda rítmica por ter duas posições fracas à direita. Nos casos em que a palavra tem mais do que uma vogal inacentuável, a ancoragem faz-se no primeiro cavado lexical encontrado da direita para a esquerda, podendo o princípio rítmico transformar em crista cavados lexicalmente marcados precedentes, como acontece em ‘catastrófico’ *catastrOfIco* (cf. *catástrOfe*).

(2b) Acentuação proparoxítona

L2	*	*	*	*
L1	* • * •	* •	* •	* •
L0	X X X XX	X X X	X X X	X X X
	Be.ne.fí.cl.o	mú.sl.ca	nês .pE.ra	cân.fO.ra

Nas palavras de (3), nas quais o marcador de classe nominal não está presente ou, sendo verbo, na qual o morfema de tempo infinitivo não apresenta a vogal que historicamente se justificaria, a proposta de Andrade e Laks é que se assuma que a sua posição métrica continua a

contar para a questão acentual, apesar da inexistência da vogal. Baseiam-se para essa proposta justamente no facto de variedades do Português apresentarem paragoge neste tipo de palavras e no de elas não terem uma estrutura lexical regular (i. é uma estrutura com marcador de classe morfológicamente presente).

(3) Acentuação oxítona

L2	*			*			•	*		*			*
L1	•	*	•	•	*	•	*	•	*	•	*	•	•
L0	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Ca.fé	•		ju.iz	•		ca.ra.col	•		flor	•		vo.ar

Palavras, como ‘lápís’, ‘túnel’, ‘Aníbal’, ‘Amílcar’, ‘Alcácer’, são acentuadas da seguinte forma de acordo com esta teoria só-grelha, em virtude de possuírem vogais inacentuáveis:

(4) Acentuação em palavras sem marca de classe, mas com vogal inacentuável

L2	*						*			*			
L1	*	•		•	*	•	•	*	•	•	*		
L0	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		
	Tú.nEl	•		A.ní	•	bAl	•		A ₂ míl.cAr	•		Al.cá.cEr	•

A consideração da posição morfológicamente vazia final justifica-se nos escassos casos de inserção de vogal final em palavras como ‘Alcácer’ após queda da vogal postónica no PLA, no entanto, na pronúncia mais comum ela é sempre vazia.

As vantagens de uma análise do acento lexical como fenómeno rítmico parecem evidentes. Por um lado, é possível descrever com base num princípio acentual único os três paradigmas acentuais habitualmente

identificados, por outro lado a descrição está mais de acordo com a natureza do fenómeno acentual (uma característica essencialmente rítmica) do que outras alternativas (como a de formar constituintes, cuja evidência em português nos parece menos motivada). Para além disso, só implica estipulações comprovadas por dados da língua e permite reunir o padrão acentual dos verbos e dos não-verbos, uma vez que para descrever os dados da categoria verbal, basta dizer que contrariamente ao que sucede nos não-verbos, não existem cavados lexicalmente pré-atribuídos quando um nome dá origem à formação de um verbo – cf. o nome ‘fábrica’ e a 3ª p. sg do verbo ‘fabricar’, ‘fabrica’. No paradigma verbal existem, no entanto, vogais inacentuáveis, pertencentes a morfemas flexionais, como por exemplo o morfema [va] do imperfeito, que leva à acentuação proparoxítona em ‘falávamos’, por exemplo. PEREIRA (2007) propõe uma análise parcialmente divergente do acento em português, mediante a qual o acento está dependente da categoria morfológica da palavra, havendo, além disso, marcação de algumas palavras quanto ao acento e concorrência de várias regras acentuais no paradigma verbal. Parece-nos que o acento actua em português da forma proposta por Andrade e Laks, por isso, seguimos a sua análise e, sabendo que uma língua tende a apresentar a acentuação uniforme em todas as suas variedades, não seriam de esperar diferenças acentuais em qualquer variedade linguística. Porém, na verdade, o português falado no Litoral Alentejano (PLA) tem formas que, a custo de transformações várias, apresentam uma regularização do padrão acentual grave foneticamente. O número de palavras paroxítonas aumenta por a elas se juntarem muitas das palavras proparoxítonas e oxítonas no PE padrão, conforme a seguir se demonstra.

2. Análise de dados do PLA

O PLA é a variedade falada sobretudo por falantes de idade avançada, não escolarizados ou com baixo nível de escolarização, na região

compreendida entre a Comporta e o extremo sul do Alentejo, numa faixa litoral cujos limites a Este não foram ainda claramente estabelecidos. Os dados usados pertencem à pronúncia por nós observada na região de Santo André, pertencente a falantes naturais da zona rural da freguesia, com idade superior a 60 anos e pouca ou nenhuma instrução escolar. Sob diversos pontos de vista os dados aqui analisados são compatíveis com os referidos, embora não analisados de forma sistemática no trabalho de CALDEIRA (1959-60) a respeito do falar de Sines. Os falantes mais jovens, em geral, com mais instrução, apresentam algumas das características aqui referidas no seu dia-a-dia, apesar de adoptarem uma pronúncia mais de acordo com o *standard*², em contacto com falantes de outras regiões. O PLA está sob forte pressão normalizadora, devido à presença na região nos últimos quarenta anos de grandes quantidades de falantes do *standard* ou de dialectos mais próximos do *standard* e, por outro lado, devido aos efeitos da generalização da escolarização.

Tomemos, em primeiro lugar, dois conjuntos de palavras proparoxítonas no PE padrão (5) que são transformadas em palavras foneticamente paroxítonas no PLA (5a, 5b e 5c).

(5) Palavras proparoxítonas³

(5a) Palavras alvo de semivocalização e metátese			
benefício	[bɨnɨ́'fisɨ]	Cecília	[sɨ́'zilɐ]
orifício	[orɨ́'fisɨ]	Ercília	*[ɨ́r'silɐ] > [ɨ́'silɐ]
artifício	[ɐrtɨ́'fisɨ]	Arménio	[ar'mɛɨnu]
resquício	[rɨ́'skɨsɨ]	Custódia	[kɨs'tɔjdɐ]
estrupício	[ɛstrɨ́'pɨsɨ]	Amélia	[ɐ'mɛɨlɐ]
supensório	[suʃpɛ́'sɔjɨ]	Antónia	[ɛ́'tɔjnɐ]/[ɨ́'tɔjnɐ]

² Em particular, tendem a substituir a vogal paragógica [i] por [ɨ].

³ Neste artigo assinalamos o acento imediatamente antes do primeiro segmento da sílaba fonológica e os símbolos fonéticos de acordo com o IPA 2005, excepto no que se refere às semivogais que são representadas com [j]/[w] na tradição portuguesa e de [ɐ], a vogal átona correspondente a /a/.

promontório	[prumõ'tõjru]	Gaudêncio	[ga'dẽjsu]
cartório	[kæ'r'tõjru]	Mário	[ˈmajru]
negócio	[nĩ'gõjsu]	Arsénio	[ar'sẽjnu]
galdéria	[gaɫ'dẽjrɐ]	Horácio	[ɔ'rajsu]
miséria	[mi'zẽjrɐ]	Cláudia	[ˈklajdɐ]
séria	[ˈsẽjrɐ]	Glória	[ˈglɔjrɐ]
mistério	[miʃ'tẽjru]	Confúcio	[kõ'fujsu]
malária	[mæ'lajrɐ]	Lúcio	[ˈlujsu]
História	[ʃ'tõjrɐ]	Aprígio	[ɐ'priZu]
rédea	[ˈrẽjdɐ]	Cidália	[si'dajɐ]
côdea	[ˈkojdɐ]	Otilia	[ɔ'tilɐ]
serôdea	[sɐ'rojɐ] ^{5a1}	Ambrósio	[ẽ'brɔjzu]
lêdea	[ˈlẽjdɐ]	polícia	[pu'lisɐ]
mastrôncio	[mæʃ'trõjsu]	falsária	[faɫ'sajrɐ]
vénia	[ˈvẽjnɐ]	armário	[aɫ'majru]
fadário	[fɐ'dajru]	búzio	[ˈbujzu]
gasóleo	[ga'zõjli]	gambúzio	[gẽ'buju]
petróleo	pi'trõjli	longilíneo	[lõʒi'linu]

^{5a1} A palavra férrea é produzida sempre como [ˈfẽjrɐ] com r-múltiplo. Isso deixa-nos pensar que a semivogal só não pode mudar de posição se a sílaba para a qual for mudar tiver na base uma coda sonante, visto que a pronúncia [r] ocorre com base numa estrutura /r\$ɐ/, só depois transformada em [r]. A palavra *mildio*, que têm igualmente uma coda sonante, é produzida como [ˈmiɫdi] ou como [ˈmiɫdju]. Isso mostra-nos que a estrutura da sílaba que recebe a semivogal não pode, em princípio, ser diferente de CV. Mostra-nos também que a vogal postónica [i] pode resultar de uma sequência /i+o/ num nome uniforme. A palavra *bóstia*, pronunciada como [ˈɔʃtjɐ], comprova que a presença de uma coda na sílaba tende a bloquear a metátese. Apesar disso, a palavra *néscia* com a sibilante em coda tal como *bóstia*, apresenta-se como [ˈnẽjʃsɐ]. As palavras *lêdea* e *mastrôncio* comprovam que a presença de N, o autossegmento flutuante nasal, na sílaba não bloqueia a metátese, contrariamente aos segmentos das codas. Conclui-se portanto que só a existência de uma consoante na coda da sílaba condiciona a ocorrência de metátese no PLA.

(5b) Palavras alvo de semivocalização

amêndoa	[ɐˈmẽdwɐ]	árdua	[ˈardwɐ]
névoa	[ˈnɛvwɐ]	póvoa	[ˈpɔvwɐ]
tábua	[ˈtabwɐ]	árduo	[ˈardu] ^{5b1}
vácuo	[ˈvaku]	nódoa	[ˈnɔdwɐ]~[ˈnɔdɐ]

(5c) Palavras alvo de elisão de vogais postônicas

mágico	[ˈmaʒku]	folclórico	[fɔɫˈklɔrku]
política	[puˈlitkɐ]	catastrófico	[kɐtɐʃˈtrɔfku]
música	[ˈmuzkɐ]	médico	[ˈmɛdku]
espectáculo	[ʃpɛˈtaklu]	máquinas	[ˈmaknɐʃ]
benéfico	[biˈnɛfku]	matemática	[mɐtˈmatkɐ]
tráfico	[ˈtrafku]	báscula	[ˈbaʃklɐ]
Óbidos	[ˈɔbidʃ]	óculos	[ˈɔkluʃ]
óbito	[ˈɔbtu]	furúnculo	[ˈfrũku]
bêbedo	[ˈbebdu]	cólera	[ˈkɔlrɐ]
câmara	[ˈkẽbrɐ]	Clímaco	[ˈklimɐk] ^{5c1}
número	[ˈnũbru]	tráfego	[ˈtrafgu]
nêsperos	[ɐˈnɛʃpruʃ]	sôfrega	[ˈsofɐgɐ]
América	[ɐˈmɛrkɐ]	têmpera	[ˈtẽprɐ]

^{5b1} Palavras como ‘língua’ [ˈɫigwɐ], ‘égua’ [ˈɛgwɐ], ‘água’ [ˈagwɐ], ‘longínqua’ [lɔˈʒĩkwɐ], ‘longínquo’ [lɔˈʒĩku], ‘vácuo’ [ˈvaku] são falsas proparoxítonas, na medida em que apesar do acento gráfico que as incluiria nessa categoria, possuem fonologicamente uma consoante com articulação secundária labial /kw/, /gw/. No caso de ‘longínquo’ a vogal final assimila a articulação secundária dessa consoante no PLA, como acontece em ‘árduo’ e ‘vácuo’.

^{5c1} ‘Clímaco’ e ‘Óbidos’ apresentam apenas uma das vogais postônicas, porém essa vogal não é a vogal da última sílaba, ao contrário dos restantes casos.

Em (5a) temos palavras com vogal temática a seguir a uma outra vogal (inacentuável). Como vemos, quase todas as palavras apresentam a vogal inacentuável sob a forma da semivogal [j] na sílaba tónica, e não na postónica, fazendo com que as palavras sejam superficialmente paroxítonas (não proparoxítonas) em consequência da metátese e não tenham ditongo crescente fonético. As únicas formas em que isso não acontece são aquelas em que a vogal tónica é uma vogal alta igual à semivogal normalmente gerada, casos que originaram a fusão da vogal com a semivogal, em obediência ao Princípio de Contorno Obrigatório (PCO).

Em (5b) vemos palavras nas quais a primeira vogal do hiato postónico deveria ser [u] devido à redução do vocalismo átono. Se essas palavras forem uniformes com o marcador de classe /a/ logo a seguir semivocalizam a vogal postónica e não há metátese no PLA (ou seja, não há *[ˈmawgɐ] por ‘mágoa’), tal como acontece em PE standard. Se se tratar de palavras variáveis em género, com o marcador /o/, a vogal postónica será elidida por acção do PCO. Se forem marcadas por /a/, então a semivogal surge em vez de [u], mas sem haver lugar a metátese, como acontece nos casos das palavras invariáveis. A semivocalização da vogal postónica levanta problemas de silabificação no nível fonético, uma vez que em PE os ditongos tendem a ser apenas decrescentes fonologicamente. Criar-se-á um ditongo crescente foneticamente? A natureza fonética e silábica do processo carece de investigação. Em todo o caso, estas formas só apresentam foneticamente uma vogal após a tónica, o que mostra a tendência para a existência apenas de uma posição de coda rítmica.

Em (5c), temos palavras com vogal temática a seguir a radicais ou sufixos terminados em consoante. Estas palavras apresentam mais do que uma forma de ser realizadas nesta variedade linguística: a que foi apresentada acima elisão da postónica ou da vogal final e uma com uma vogal postónica fracamente audível, em geral com a forma [ɨ]. Evidenciam deste modo a tendência do PLA para a neutralização vocálica átona e

para a elisão em posição postônica. Tudo isso, mesmo que a estrutura acabe por ter uma sequência problemática de consoantes, em termos de silabificação.

Veja-se a descrição em (6).

(6)	Regularização acentual paroxítona - PLA					
L2	*			*		*
L1	*	•		*	•	* •
L0	X	X		X	X	X X
	Gló[j].ra			tá.b[w]a		mú.søca
	Glória			tábua		música

Todavia, é evidente que não podemos falar de uma total integração das palavras proparoxítonas no paradigma das palavras paroxítonas já que a maior parte das palavras proparoxítonas é constituída por palavras eruditas, de reduzida utilização nos falantes não escolarizados de PLA. Por outro lado, por exemplo, a pressão da ortografia e a frequência de uso das palavras podem interferir com a pronúncia, nos falantes com mais escolarização. Por ex., ‘neurótico’, ‘esclerótico’, ‘público’, dificilmente serão pronunciadas sem a vogal postônica inacentuável, nos dois primeiros casos por serem palavras pouco conhecidas e, no último, por ser a vogal final a ser enfraquecida ou até elidida.

Além das palavras proparoxítonas, as palavras tipicamente oxítonas são também geralmente transformadas de modo a corresponder melhor ao padrão rítmico paroxítono no PLA, i. é a ter uma coda rítmica de uma posição. Veja-se os exemplos em (7), nomeadamente na palavra ‘maré’, ‘azul’, ‘flor’, ‘Santarém’. No entanto, como se torna claro pelos exemplos das palavras acabadas em coda fricativa ‘juiz’, ‘Estremoz’, etc. e das palavras menos comuns ‘Diná’, ‘Jericó’, nem sempre existe inserção. Nas palavras mais comuns tende a acontecer ainda que variavelmente como acontece em ‘avó’ e ‘avô’.

(7) Palavras oxítonas

café	[kɐ́'fɛj]	Zé	['zɛj]
maré	[mɐ́'rej]	Guiné	[gí'nɛj]
alguém	[aɫ'gɛj]	chaminé	[ʃɐmí'nɛj]
Santarém	[sɐ̃tɐ́'rej]	Cacém	[kɐ́'sɛj]
armazém	[aɾmɐ́'zɛj]	porquê	[pur'kej] ⁷⁻¹
azul	[ɐ́'zuli]	Artur	[ɐɾ'tuɾi]
funil	[fú'nili]	Manel	[mɐ́'nɛli]
caracol	[kɐɾɐ́'koli]	Isabel	[izɐ́'bɛli]
tonel	[tú'nɛli]	Florival	[floɾí'vali]
animal	[ɐní'mali]	Salvador	[saɫvɐ́'doɾi]
flor	[fló'ɾi]	fiador	[fjɐ́'doɾi]
voar	[vú'ari]	altar	[aɫ'taɾi]
querer	[kí'reɾi]	Luís	[lú'is]
almofariz	[aɫmufɐ́'ɾiʃ]	juiz	[ʒú'is]
maltês	[maɫ'tɛʃ]	Giz	['ʒiʃ]
cabaz	[kɐ́'baʃ]	Monsaraz	[mõsɐ́'raʃ]
algoz	[aɫ'goʃ]	Estremoz	[ʃtɾí'moʃ]
maná	[mɐ́'na]	Diná	[dí'na]
dominó	[dõmí'no]	Jericó	[ʒiɾí'ko]
avó	[ɐ́'vo]~ [ɐ́'vow]	avô	[ɐ́'vo]~[ɐ́'vow]

⁷⁻¹ Estas palavras no plural não apresentam a semivogal: [kɐ́'fɛʃ], [pur'keʃ] (ou seja, são tratadas como as que têm fricativa final no singular, 'raiz', 'maltês'). Isso quer dizer nesta variedade da língua, diferentemente do que se passa em Português do Brasil, não há relação entre a presença da fricativa alvéolo-palatal e a semivogal.

Veja-se a descrição em (8).

(8) Regularização acentual paroxítona - PLA

L2	*		*		*		*		*		*		*
L1	•	*	•	•	*	•	•	*	•	*	•	*	•
									•				
L0	X X X	X X X	X X X	X X X	X X X	X X X	X X X	X X X	X X X	X X X	X X X	X X X	X X X
									X	X			
	Ca.fé •	por.quê •	ju.iz •						ka.ra.	vo.a.r	flor •		
									col •	•			
	[j]	[j]	--						[i]	[i]	[i]		

Nestas palavras, é visível a inserção de uma vogal final em todas as palavras que terminam lexicalmente em consoante sonante – paragoge de [i] ou de [ɨ] – que obriga a silabificar a palavra com mais uma sílaba do que a mesma palavra no PE *standard*. Se nesta variedade a posição fica não preenchida – o que nem sempre acontece –, no PLA esta é ocupada pelas vogais epentéticas. É visível igualmente a paragoge de [i] (superficialmente [j]) nas palavras terminadas em vogal não-recuada [-alta] (/e/ ou /ɛ/).⁴ As palavras terminadas em fricativa e as terminadas em vogais recuadas (‘avó’, ‘ilhó’, ‘avô’, ‘rajá’, ‘maná’, ‘manhã’, etc.) não recebem qualquer vogal paragógica de forma geral, hoje em dia. Apesar disso, alguns falantes usaram ainda em algumas palavras terminadas com vogal arredondada a semivogal [w], tanto em palavras gramaticalmente femininas, como em masculinas: ‘avó’ [ɐˈvɔw], ‘avô’ [ɐˈvow] – pronúncia que parece estar em extinção – cf. FLORENCIO (2001: 51) com um resumo dos dados referentes ao início do século XX.

⁴ Cruz (2013:40) nos dados de falantes mais jovens de Castro Verde no interior do Alentejo já não encontrou a paragoge em palavras deste tipo, o que indica que a paragoge está em curso de mudança nos dialectos alentejanos.

Se a paragoge de [i] dependesse apenas do contexto segmental, seria de esperar que ela ocorresse além de em ‘flor’, ‘caracol’, também em palavras como ‘túnel’, ‘nível’, ‘âmbar’, ‘Amílcar’, ‘Aníbal’, ‘carácter’. Porém, isso não acontece, à excepção de uma palavra como ‘Alcácer’ que admite a pronúncia [aɫˈkasɾi], após a queda da postónica no PLA. As palavras são produzidas como em PE *standard* pois, caso a paragoge se desse, ficariam com uma configuração proparoquítona – justamente a estrutura evitada na variedade linguística do PLA. Cremos que, no entanto, a paragoge só se dá no fim de um sintagma entonacional (IP) se a palavra não resultar proparoquítona - cf. CRUZ (2013: 41).

No PLA, a criação de um padrão rítmico paroxítono é efectuada à custa de três processos que transformam a estrutura fonológica:

- (i) inserção de [i] após consoante sonante (mar[i], sol[i]), o que pretende regularizar grande parte das palavras oxítonas como paroxítonas, em consonância com a análise teórica de Andrade e Laks. A inserção é bloqueada se a palavra contiver uma vogal inacentuável (‘túnel’).
- (ii) metátese de [j], em estruturas com hiato postónico alvo de semivocalização, como ‘história’, ‘côdea’, ‘búzio’. Ou seja, a primeira vogal do hiato semivocaliza e muda de posição de modo a criar um ditongo decrescente, em vez de um ditongo crescente, e permitindo a regularização acentual com a existência de apenas uma vogal postónica.
- (iii) queda de vogal postónica em palavras proparoquítonas com radical terminado em consoante, como ‘música’ [ˈmuzkə], ‘mágico’ [ˈmaʒku].

Conclusão

Por tudo o que já dissemos fica clara a existência de uma ‘conspiração fonológica’ no PLA que leva a que um elevado número de palavras seja regularizado em termos acentuais, confluindo com o padrão rítmico mais frequente em Português. Os processos utilizados são de três tipos diferentes:

(i) metátese da semivogal resultante da primeira de duas vogais em hiato postónico;

(ii) inserção de um segmento vocálico de defeito para preencher posições rítmicas vazias e que pode ser semivocalizado após vogal – em PLA é [i] (ou [i̯], como em PE standard);

(iii) queda de uma vogal postónica, apesar de ela deixar superficialmente uma sequência consonântica complexa.

Com a inserção de [i], regulariza-se num grande número de palavras a estrutura silábica. Por um lado, deixa de haver sílaba final com coda sonante em fronteira de IP, passa a existir sílaba CV e deixa de ser necessário aplicar nestas palavras um processo complementar de especificação de /l/ final – a velarização. Tudo isso acontece, exclusivamente, nas palavras que apresentavam uma estrutura lexical anormal (falta do marcador de classe, por exemplo) ‘azul’ ou ‘flor’, que não possuem vogais inacentuáveis (já que em ‘âmbar’, ‘túnel’ não existe paragoge de [i]).

Nas palavras do tipo de ‘café’ insere-se a vogal final que é obrigada a semivocalizar por se encontrar precedida por vogal. Cria-se assim um ditongo decrescente - estrutura que, apesar ser evitada em muitas palavras no PLA, devido à existência de monotongações de /eI/ (‘leite’ [ˈleti]), /oU/ (‘couve’ [ˈkovi]), /aI/ ‘caixa’ [ˈkaʃɐ], por exemplo, acaba por ser permitida foneticamente, como os casos em (7) demonstram. A semivogal parece desempenhar em ‘café’ o papel da coda rítmica que faltava à palavra no PLA, contrariamente ao papel da semivogal nas palavras ‘leite’, ‘couve’, ‘caixa’.

Com a metátese de [j] (já que não existe metátese de [w]) cria-se um grande número de palavras foneticamente graves, com uma sílaba acentuada com duas raízes (ditongos decrescentes sempre), em vez de se criar um ditongo crescente, por junção da semivogal à vogal final.

Com a queda da vogal postónica nas palavras com radical terminado em consoante (por exemplo ‘música’), regulariza-se a acentuação destas palavras, mas deixa-se foneticamente uma estrutura com um conjunto de consoantes em sequência de difícil silabificação. Deixamos por enquanto em aberto essa questão.

Por todas as razões já mencionadas, o padrão rítmico acentual do PLA assume preponderância face a outros aspectos da fonologia da variedade, apesar de não poder ser explicado sem recurso a eles. Esta variedade linguística é evidência da plausibilidade da interpretação da questão acentual do PE feita por ANDRADE & LAKS (1991), nomeadamente no que se refere à posição métrica vazia das palavras agudas. Uma vez que o preenchimento dessa posição é sentido como uma marca dialectal desprestigiada pelos falantes mais escolarizados, o PLA tende a mudar rapidamente, como já vimos que aconteceu em Castro Verde nas palavras terminadas em vogais anteriores acentuadas.

Referências

ANDRADE, Ernesto d’; LAKS Bernard **Na Crista da Onda: o Acento de Palavra em Português**, Actas do 7º Encontro da APL-Lisboa, Lisboa [APL]. p. 15-26, 1991.

CALDEIRA, Maria Arlete Fernandes. **O Falar dos pescadores de Sines**. 1959-60. 577 fls. Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.

CRUZ, Marisa. **Prosodic variation in European Portuguese: phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties**, 2013. 143 fls, Tese de Doutoramento em Linguística Portuguesa, Universidade de Lisboa, Lisboa.

FLORÊNCIO, M. **Dialecto Alentejano Contributos para o seu estudo**, Lisboa, Edições Colibri, 2001.

MATEUS, Maria Helena Mira; ANDRADE Ernesto d'. **The Phonology of Portuguese**, Oxford, OUP, 2000.

PEREIRA, Maria Isabel. **Acento Latino e Acento em Português: que parentesco?** In ARAÚJO, Gabriel Antunes de (org.) **Acento em Português abordagens fonológicas**, São Paulo: Língua[gem] 22, Parábola, p. 61-83, 2007.

Recebido em 26/03/2015 e Aceito em 10/06/2015.